

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
FACULDADE LETRAS - FALE**

EWERTON MARTINS RIBEIRO

FERNANDO SABINO, SUA PROSA E O FUTEBOL

**BELO HORIZONTE
2014**

1. Fernando Sabino, sua prosa e o futebol

O escritor mineiro Fernando Sabino (Belo Horizonte, 12/10/1923 - Rio de Janeiro, 11/10/2004) levou a prelo mais de meia centena de livros (desconsideradas as antologias), produzindo uma das bibliografias mais importantes e volumosas da literatura brasileira — conjunto de obra cuja importância foi reconhecida pela Academia Brasileira de Letras em 1999 por meio do prêmio Machado de Assis (CONY, 2004). Em meio a essa "plethora" literária - para usar um termo ao qual o próprio Sabino apreciava recorrer - o futebol aparece de forma recorrente, apesar de não preponderante: ora como a própria base temática de histórias curtas, crônicas, contos e trechos de romance, ora apenas como elemento desencadeador ou secundário em um enredo distinto. Este ensaio rastreia e analisa algumas destas aparições do esporte bretão na literatura de Sabino.

Cabe dizer, antes, que investigar as relações de Fernando Sabino com o tema já de início pareceram naturalmente apropriadas. Não só pelo escritor ter sido um dos principais cronistas brasileiros¹ e por trabalho semelhante, ao que parece, ainda não existir, mas também - e aqui já em uma abordagem um tanto lúdica - pelo fato de o próprio escritor ter sido ele também integrante de um importante time, mas este da literatura brasileira: os chamados "quatro mineiros"². Como destacou o jornalista Roberto Pompeu de Toledo no artigo *Um legendário quarteto e sua contribuição*, publicado na revista *Veja* em dezembro de 2002, "Hélio Pellegrino, Otto, Paulo Mendes Campos e Sabino formam o mais famoso bloco, ou conjunto, ou grupo, ou turma, da literatura brasileira. Como nas famosas formações do futebol (Dorval, Mengálvio,

¹ Talita Carlos Tristão argumenta no artigo *A crônica de Fernando Sabino: anotações iniciais*: "Sabino foi um escritor de produção intensa [...] estimado como um dos autores fundamentais para a afirmação da crônica no Brasil em sua época devido às suas contribuições ao gênero" (TRISTÃO, 2011, p. 1).

² Mais especificamente "Os 4 Mineiros", que é como se denominaram os próprios escritores em um disco duplo de áudio, publicado pela Som Livre no início da década de 1980. Nos LPs, eles declamam seus textos e retomam suas autobiografias ao som do pianista Francis Hime (www.francishime.com.br/main_biografia.htm: acesso em 15/06/2012). Mas os quatro amigos já eram assim chamados antes mesmo do lançamento do disco — assim como pela variante "Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse", como explicita Gabriela Kvacek Betella já no título de seu artigo *Os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse e suas biografias vicárias*: "Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos tiveram uma relação intensa, a ponto de serem citados, frequentemente, como uma espécie de quarteto literário [...] É possível falar num universo de influências compartilhado naturalmente pelos escritores e, dessa maneira, multiplicar por quatro alguns elos de admiração ou de amizade." (BETELLA, 2007, p. 247).

Coutinho, Pelé e Pepe³), o nome de um puxa o do outro". (TOLEDO, 2002). Passemos então às aparições do tema futebol na obra de Fernando Sabino.

2. Futebol como mote, futebol como tema — e a relação emocional com o esporte

A mulher do vizinho, crônica de livro homônimo de Fernando Sabino, é exemplo de situação em que o futebol é apresentado em sua faceta de elemento popular, cotidiano à vida das gentes, e é usado como mote para o desenvolvimento de uma trama social.

Na rua onde mora (ou morava) um conhecido e antipático General do nosso Exército, morava (ou mora) também um sueco cujos filhos passavam o dia jogando futebol com bola de meia. Ora, às vezes acontecia cair a bola no carro do General e um dia o General acabou perdendo a paciência, pediu ao delegado do bairro para dar um jeito nos filhos do vizinho. (SABINO, 1983a, p. 34).

A história assim começa, e daí em diante escapa do futebol para se enveredar - num discurso em que se pode ler qualquer coisa de escárnio - pelas relações sociais de autoritarismo e prepotência comuns, ao que se pode supor, aos últimos anos de Ditadura Militar no Brasil⁴.

Já em *Penalidade Máxima*, crônica do mesmo livro, o futebol é de fato a matéria-prima principal da construção literária. A abordagem feita dele busca traduzir as relações afetivas que o brasileiro estabelece com o esporte:

Lá na areia o futebol ia animado. Deteve-se, ficou olhando. Futebol de areia era uma coisa que ele nunca chegaria a entender: não tinha graça, a bola não pulava, ganhava efeito. E onde já se viu jogar descalço? Lembrava-se das pesadas chuteiras do seu tempo, com rodela de couro no tornozelo, cordões compridos dando várias voltas em torno do pé. E os cravos na sola, deste tamanho! [...] Ia se afastando, depois

³ Como o tema aqui é antes de mais nada o centenário futebol brasileiro, cabe informar que o "esquadrão" constituído por Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe formou, entre os anos 50 e 60, "um ataque composto por cinco jogadores que levaram o nome do Santos FC a ser respeitado e amado em todo o mundo", e que seus jogadores jogaram juntos "97 partidas, conquistando 68 vitórias, empatando 11 e perdendo 18 jogos. Marcaram nestas partidas 314 gols e o time sofreu 155 com uma média assombrosa de 3,23 gols por partida", conforme dados de coluna de Guilherme Guarche no site oficial do clube. (In: <http://www.santosfc.com.br/noticias/colunas/conteudo.asp?id=70612>. Acesso em 16/06/2012).

⁴ A título de curiosidade, vale mencionar que no mesmo *A mulher do vizinho* Fernando Sabino volta a tratar da arrogância militar na crônica *A paz na Rua Canning* (SABINO, 1983a, p. 128 a 130). Nela, o escritor descreve também um general, que, para encerrar um "barulhozinho particular" que "os garçons, reunidos no jardim do clube, resolveram promover", promete: "Vamos acabar com essa conversa porque senão eu encho de bala a boca de cada um". Como o próprio narrador da história manifestasse de sua janela concordância com os argumentos do militar, este conclui: "Cala a boca".

de acompanhar o último lance do jogo lá na areia, quando um chute espiado atirou a bola cá fora na rua e ela veio rolando até seus pés. Olhou para um lado e para outro: algum conhecido ali por perto, era uma vez a sua compostura. Não vendo ninguém, ajeitou cuidadosamente a pelota na marca do pênalti, para cobrar a penalidade máxima⁵. [...] Tomou distância, esperou o apito do juiz e, sob o silêncio de expectativa da torcida, deu um pulinho, veio correndo, desferiu o chute. Sensação no Maracanã! Gol do Brasil. (SABINO, 1983a, p. 22 e 23)⁶.

Tanto *A mulher do vizinho* quanto *Penalidade Máxima* são crônicas que transitam entre o literário e o jornalístico⁷, talvez como uma ênfase maior para o primeiro aspecto, já que Fernando Sabino, mais que jornalista, era por excelência

⁵ Sobre esse instinto de desejar chutar a bola na oportunidade que lhe surge, Anatol Rosenfeld o relaciona com a masculinidade e agressividade, argumentando que "este, enquanto movimento de chutar, é um ato de agressão, por mais terna e flexível que seja a maneira com que o bom jogador saiba 'cuidar' da bola [...]; o próprio fato de ele a 'tratar' e 'manipular' com os pés, como que acordando-a para a vida, na medida em que os pés parecem receber a cultura das mãos, confere ao chute impetuoso um caráter mais violento, o qual, no entanto, está domado pela disciplina. Essa ambivalência deve exercer um apelo extraordinário em culturas que, como as do Ocidente, reverenciam tanto o ideal da masculinidade — um traço que no Brasil particularmente se realça". (ROSENFELD, 1993, p.95). Ao tratar do assunto em *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, Marcelino Rodrigues da Silva também cita Rosenfeld para fazer um paralelo entre o esporte praticado com os pés e a emancipação dos negros em relação ao trabalho escravo: "Rosenfeld sugere que no início do século o futebol, por ser jogado com os pés, adquiriu entre os negros e mulatos recém libertos da escravidão uma conotação de liberdade: 'Ainda aderiria uma mancha a qualquer trabalho manual. Dar pontapés numa bola era um ato de emancipação'." (ROSENFELD, 1993, p.85. In: SILVA, 1997, p. 27). E Marcelino ainda complementa que, juntamente com outros aspectos, "o fato de que é jogado com os pés", "contrapostos às mãos - símbolos do trabalho e da civilização -", possivelmente traduz no futebol alguns "sentidos relacionados ao prazer e aos impulsos primitivos do homem" (SILVA, 1997, p. 27).

⁶ No que diz respeito ao "time literário" formado por Otto, Hélio, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, é interessante perceber a "tabelinha" feita por esses dois últimos por meio desta crônica *Penalidade Máxima*, de Sabino, e da *Adoradores da Bola*, de Campos. O texto desta última, alinhavada à primeira, diz em certo momento: "Um psicólogo do futebol imagina a seguinte cena: meninos jogam na rua, a bola sobra para o cavalheiro que passa. Que fará o austero transeunte? Ficará indiferente? Devolverá a bola com as mãos? Já vimos todos nós o que ele irá fazer: o homem se perde na gravidade, rebate a bola com o pé, aparentemente para prestar um serviço à garotada, mas na verdade porque não resiste ao elástico e impulsivo prazer de dar um chute. É sempre um grande prazer, uma das coisas mais agradáveis da vida, dar um chute na bola, sobretudo quando conseguimos colocá-la na meta almejada". Decerto, aqui, por "Psicólogo do futebol", Paulo Mendes Campos toma o próprio amigo Sabino. (PINHEIRO, 2008, p. 17).

⁷ Sobre tal transitar da crônica entre o jornalístico e o literário, Marcelino Rodrigues da Silva explica que "A crônica é geralmente definida como um gênero 'híbrido' ou 'fronteiriço', entre o jornalismo e a literatura, que dá um tratamento 'literário' aos fatos que alimentam o noticiário dos jornais. Ela se caracteriza, portanto, por uma 'referencialidade' temática, pois trata geralmente de acontecimentos que são ou foram notícia, ou então de pequenos episódios que foram vividos ou presenciados pelo autor. [...] A crônica pode, inclusive, enveredar pela ficção, mantendo, no entanto, a referencialidade ao inserir os acontecimentos fictícios em circunstâncias que realmente ocorreram. [...] O princípio básico da crônica é, para Jorge de Sá [(SÁ, 1992, p. 6. In: SILVA, 1997, p. 31)] o 'registro do circunstancial'." (SILVA, 1997, p. 31).

escritor de ficção. Também faz tal trânsito *Iniciada a peleja*⁸, crônica do livro *O homem nu*, que é outro exemplo em que o esporte trazido por Charles W. Miller ao Brasil em 1894 (ROSENFELD, 1993, p.76) é o tema principal de uma narrativa em crônica.

Justamente na hora do primeiro jogo de nosso selecionado na Europa, realizava-se uma reunião da diretoria do banco, a que ele não poderia deixar de comparecer. Não teve dúvidas: arranhou emprestado um radiozinho transistor, com dispositivo de se adaptar ao ouvido para audições individuais, meteu-o no bolso e bateu-se para a reunião. (SABINO, 1983b, p. 115).

Começada assim, a crônica segue descrevendo a engraçada situação a que o protagonista da história se lança: dividindo-se entre os assuntos técnicos, racionais e objetivos da reunião... E os acontecimentos subjetivos e emocionais do jogo.

A pelota é devolvida à circulação: os produtores não poderão obter senão um empréstimo equivalente ao valor de sua remissão que será adicionado ao montante da dívida. Falta perigosa a ser cobrada nos limites da grande área. O débito remanescente é oriundo do financiamento previsto na lei... (SABINO, 1983b, p. 116).

Descoberto o seu rádio, ele acaba seduzindo os demais a abandonar os assuntos oficiais e a se dar, eles também, à audição da partida.

Pôs o radiozinho no meio da mesa, e a Diretoria, por decisão unânime, em face de tão grave conjuntura para os destinos de nossa nacionalidade, concedeu-lhe primazia entre os assuntos em pauta. Mazzola era um gigante dentro do campo. Didi, um verdadeiro assombro. (SABINO, 1983b, p. 117).

Ao fim da reunião e com a vitória do Brasil no jogo por quatro a zero⁹, acabam todos deixando de lado as questões bancárias para se entregarem à paixão pelo esporte. "A leitura do relatório, em face das circunstâncias, deverá ficar para a próxima reunião",

⁸ Os méritos literários desta crônica inclusive levaram-na a integrar a coletânea *A palavra é... Futebol*, organizada por Ricardo Ramos e publicado pela Editora Scipione em 1990.

⁹ Em 1958, a seleção brasileira, contendo Didi, Mazzola, Pepe, Garrincha e Gilmar (jogadores citados na crônica), parece ter vencido três partidas por quatro a zero — mas nenhuma contra a seleção da Itália: uma contra a Bulgária, uma contra a Internazionale e outra contra a Fiorentina, em 29/05/1958. Gol de Pepe (algo também citado no texto), no entanto, só teria acontecido nesta última, um amistoso. Assim, parece ter sido esta a partida a inspirar a crônica. (Na ausência de dados oficiais, consultas feitas em <http://www.futebolcia.com.br/SelecaoBrasileira/Jogos/TodosJogos/1958.htm> e <http://www.rsssfbrasil.com/sel/brazil195758.htm>. Acessos em 17/06/2012). Neste sentido, quando Sabino diz "Pânico na defesa italiana" (SABINO, 1983b, p. 116), ele provavelmente se refere denotativamente ao escote da Fiorentina, não da seleção da Itália. Mas, pode-se supor, ele evita o excessivo detalhamento na delimitação do time para ganhar polissemicamente em dramaticidade - mesmo que em prejuízo da fidelidade histórica - no caso de o leitor desavisado ler tal frase como um indicativo de que o jogo era de fato contra a "Squadra Azzurra".

diz um dos participantes. Ao que o narrador conclui: "Aprovada a proposição, deram por encerradas as atividades daquele dia e foram, incorporados, tomar um uísque para celebrar". (SABINO, 1983b, p. 118).

Com o argumento desta sua crônica, Sabino parece querer traduzir as relações emocionais-afetivas que o brasileiro têm estabelecidas com o futebol e a importância e relevância que são dadas ao esporte, no Brasil, a partir desta relação. Sua crônica, de fato, retoma um procedimento muito comum no país em tempos de Copa do Mundo: a dispensa do trabalho para que as pessoas possam assistir aos jogos do esporte brasileiro.

3. Ficção como estratégia para a "vivência" da paixão pelo futebol

Mas não foi apenas nas crônicas, propriamente ditas, que Fernando Sabino escreveu sobre futebol. Para além de algumas citações do assunto sem maior aprofundamento em *O Encontro Marcado* (de 1956) e *O Grande Mentecapto* (de 1979), seus dois romances mais importantes, o escritor se debruçou sobre o tema de forma realmente significativa em *O menino no espelho*, romance de 1989 — momento em que volta à tona, com mais intensidade, a licença poética que já lhe havia permitido tornar ambígua a delimitação entre Fiorentina e seleção italiana em *Iniciada a peleja*.

O personagem principal de *O menino no espelho* é Fernando, um criança que conta suas aventuras infância. O próprio nome do protagonista já exemplifica: é um livro de cunho autobiográfico, apesar de ficção. Nele, um capítulo inteiro (o oitavo de dez, denominado "Minha glória de campeão" — fora prólogo e epílogo) trata exclusivamente do tema: futebol. Um narrador autodiegético inicia tratando da sua relação com o esporte. Explica que, por ser distraído, pequeno e de habilidade limitada, acabava até mesmo sendo impedido de jogar pelo amigos. "Até então, o futebol vinha constituindo para mim uma série de sucessivos fracassos [...] Eu era um peso morto nas raras peladas que me deixavam disputar", diz em dado momento. "Cheguei a passar pela humilhação de exigirem que eu jogasse o primeiro tempo num e o segundo tempo noutro, para compensar a desvantagem de me terem como jogador", completa (SABINO, 1989, p. 144 a 148).

Na trama, o irmão do narrador, Gérson, é goleiro do América Mineiro. Este é outro índice do cunho autobiográfico da obra: Gerson Tavares Sabino [1915 - 1998], irmão de Fernando Sabino, foi de fato goleiro do América, além de jornalista esportivo).

E é por ocasião de sua relação com o irmão que o narrador trata do futebol. "Estou contando tudo isto para chegar a um episódio de minha infância que devo ao Gerson, e relacionado a futebol, que sempre foi a sua grande paixão". (SABINO, 1989, p. 144).

Prossegue:

Pois foi exatamente no dia 12 de outubro¹⁰, quando completei oito anos, que se deu a minha reabilitação, de maneira tão fantástica que eu mesmo não acreditaria se me contassem. [...] Era o jogo de decisão final do Campeonato Mineiro: Atlético contra América. Torcíamos apaixonadamente pelo América, não só por ser o time de nossa predileção mas, com mais razão ainda, porque o próprio Gerson ia jogar de goleiro. [...] Gerson me reservou uma primeira surpresa: tinha me arranjado um uniforme completo do time do América, para que eu entrasse no campo como mascote.

Só o fato de sair do vestiário em meio aos jogadores de verdade já me enchia de emoção. [...] Gerson me conduzia pela mão, quando nos alinhamos para fazer o cumprimento de praxe à assistência. Depois os jogadores se espalharam, batendo bola e fazendo exercícios de aquecimento. (SABINO, 1989, p. 149 e 150).

Até então o narrador aborda suas memórias afetivas de criança em sua relação com o futebol e a emoção de entrar em campo como mascote. Mas, tal como é comum na imaginação-lembrança infantil, a história toma rumos fantasiosos, desdobrando fatos em novas situações fictícias — só mesmo possíveis no universo de verossimilhança da memória dos pequenos, que muitas vezes parece não se defender da imaginação e da própria mentira para criar seus sentidos de verdade em suas reminiscências. "O meu maior momento de glória ainda estava para chegar" (SABINO, 1989, p. 150), afirma seguro o narrador.

Aos cinco minutos do término da partida, houve uma interrupção, não entendi bem por quê [...] Ao reiniciar-se o jogo, a linha americana esboça um perigoso ataque pela direita. De posse da bola, Jico Leite penetra a defesa contrária, mas se choca violentamente com Nariz e rola no chão, contundido, botando sangue pelo nariz. Pânico nas hostes americanas: todos os reservas já haviam entrado em campo, não sobrara ninguém para substituições, que fazer? Segundo as regras daquele tempo, time nenhum podia jogar desfalcado, sob pena de ser eliminado do campeonato. [...] Gerson vai confabular com o juiz, gesticula, depois vem correndo até o banco dos reservas onde me encontro, em companhia do treinador e do massagista. Fala qualquer coisa ao ouvido do treinador, me apontando, e este se volta para mim, com ar grave: — Você vai ter de entrar, Fernando. Não tem mais ninguém. Você é a nossa última esperança. Não vacilei: além do mais, era justamente a ponta direita, minha posição predileta! Pois se o América precisava de mim para completar o time, contassem comigo,

¹⁰ Outro elemento autobiográfico na obra: a data de nascimento do narrador é a mesma do autor.

era uma questão de honra. Apenas mais cinco minutos — mas futebol, como se sabe, é uma caixa de surpresas. Em cinco minutos tudo pode acontecer.
E aconteceu. (SABINO, 1989, p. 152 e 153, grifo nosso).

Aqui, é imaginação infantil que conforma o universo de verossimilhança da narrativa. De forma que se torna de fato verossímil, por exemplo, desde o futebol assumir uma regra tão incomum - mas essencial para o desenvolvimento dramático da trama - como "nenhum time" poder "jogar desfalcado", até uma criança de oito anos entrar em campo em um jogo profissional. O que se segue é a materialização da quimera maior de qualquer criança fanática por futebol (ou mesmo daquela criança que vive dentro de nós, já adultos): a de entrar em campo num jogo decisivo de seu time de coração e de marcar o gol derradeiro, consagrador da vitória.

Gerson havia me ensinado muito bem o que devia fazer. [...] Ao contrário do que fazia nas peladas de meninos, eu procurava acompanhar, lance por lance, o desenrolar da disputa, em seus instantes finais. [...] eis que Bezerra faz com que a bola venha rolando até mim. (SABINO, 1989, p. 153).

O que se tem então é a paixão pelo esporte elevada à máxima potência, algo só possível em uma construção que se vale de algum realismo fantástico, em um forte pacto de crença entre leitor de obra. De tal forma que não poderia ser diferente: a imaginação infantil entra em campo e o menino Fernando faz o gol decisivo, para o delírio das massas de sua memória imaginativa. Assim termina o capítulo:

Depois de dominá-la numa manobra que arrancou aplausos da torcida, e tendo Jacy na cobertura, driblei Nariz, deixando-o estatelado de surpresa, e tablei com meu companheiro. Este passou ao Jorivê, enquanto eu me deslocava para recebê-la de volta. Então disparei num pique, sob o delírio da assistência, e lá fui eu com minhas perninhas curtas no meio daqueles cavalões, driblei um, outro, deixei para trás a defesa adversária. E me vi frente a frente com o goleiro. Kafunga abria os braços gigantescos, achei que queria me pegar e não à bola. Fiz que chutava, como se fosse encobri-lo, ele pulou. Então passei com bola e tudo por entre as pernas dele e marquei o gol da vitória. Foi aquela ovação, a torcida delirava. Logo em seguida soou o apito final e meus companheiros de equipe correram para me abraçar e carregar em triunfo. O que para eles era fácil, dado o meu tamaninho. E assim demos a volta olímpica, sagrados campeões. (SABINO, 1989, p. 153 e 156).

O texto parece querer traduzir, nas entrelinhas, a ideia de que a memória da criança, feliz por ter entrado em campo como mascote, transformara a lembrança real na

reminiscência forjada de ter de fato jogado e decidido uma partida profissional¹¹. Uma forma de se valer da ficção literária como subterfúgio, como estratégia para manipular realidade e fantasia de forma a realizar o que parece ser, no fim das contas, um grande sonho do autor por trás do narrador que cria: o de vivenciar, em plenitude, uma paixão pelo futebol. E assim Sabino, com toda a sua habilidade literária, junta ficção e realidade num só argumento, prazeroso de ser lido e catártico de nossos desejos tão absurdos — mas, ao mesmo tempo - e talvez justo por isso - tão honestos.

4. Fim de jogo

A partir das obras analisadas, conclui-se que a presença do elemento futebol na obra de Fernando Sabino, ora como mote, ora como tema, e seja na crônica, seja na prosa longa, surge manifestando os meandros subjetivos, emocionais e afetivos em que se estabelece a relação do brasileiro com o esporte. Relação de paixão e prioridade; de ficcionalização e pertencimento.

¹¹ Interessante datar que, na soma entre ficção e realidade, ou seja, emparelhando o nascimento do escritor em 12 de outubro de 1923 e o aniversário de oito anos do protagonista do romance na data da partida, poder-se-ia sugerir que a final referida seria a do Campeonato Mineiro (então "Campeonato da Cidade", conforme http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Mineiro_de_Futebol, acesso em 18/06/2012) de 1931. Tal final, contudo, foi disputada entre Atlético e Palestra Itália (atual Cruzeiro). Naquele ano, de fato teria havido uma partida entre Atlético e América, e vencida por este por 2 x 1 — mas ela teria sido realizada em 31 de maio de 1931, como jogo de turno do campeonato, e não como a grande final descrita no romance (Conforme http://www.galodigital.com.br/enciclopedia/Campeonato_Mineiro_1931, acesso em 18/06/2012).

5. Referências bibliográficas

- BETELLA, Gabriela Kvacek. *Os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse e suas biografias vicárias: Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos na escrita de perfis*. São Paulo: Revista Estudos Avançados, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo - USP, vol. 21, n.º 60, 2007.
- CONY, Carlos Heitor. *Paixão segundo Sabino*. São Paulo: Folha de São Paulo, 20 de outubro de 2004. In: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=21&info_id=1742&sid=394. Acesso em 14/06/2012.
- PINHEIRO (Org.), Flávio. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *Adoradores da Bola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 5ª edição, 2008, p. 17 a 20.
- RAMOS, Ricardo. *A palavra é... Futebol*. Ed. Scipione, 1990. In: <http://www.morenocris.org/2011/04/palavra-e-futebol.html>. Acesso em 06/06/2012.
- ROSENFELD, Anatol. *O futebol no Brasil*. In: _____. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 76.
- SABINO, Fernando. *A mulher do vizinho*. In: SABINO, Fernando. *A mulher do Vizinho*. Rio de Janeiro: Record, 12ª edição, 1983a, p. 34.
- SABINO, Fernando. *A mulher do vizinho*. In: SABINO, Fernando. *Penalidade Máxima*. Rio de Janeiro: Record, 12ª edição, 1983a, p. 22 e 23.
- SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. Civilização Brasileira, 1956.
- SABINO, Fernando. *O grande mentecapto*. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- SABINO, Fernando. *O homem nu*. In: SABINO, Fernando. *Iniciada a peleja*. Rio de Janeiro: Record, 22ª edição, 1983b, p. 115.
- SABINO, Fernando. *O menino no espelho*. Rio de Janeiro: Record, 39ª edição 1989.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1992. In: SILVA, Marcelino Rodrigues da. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *Um legendário quarteto e sua contribuição*. Revista Veja, edição n.º 1.782, 18 de dezembro de 2002. In: <http://veja.abril.com.br/181202/pompeu.html>. Acesso em 14/06/2012.

TRISTÃO, Talita Carlos. *A crônica de Fernando Sabino: anotações iniciais*. In: *Recorte Revista Eletrônica*, v. 8, n. 1. Minas Gerais: UninCor, 2011. (Disponível em <http://revistas.unincor.br/index.php/recorte/issue/view/40>. Acessado em 17/06/2012).

6. Sites

<http://pt.wikipedia.org/>

<http://revistas.unincor.br/>

<http://www.academia.org.br/>

<http://www.francishime.com.br/>

<http://www.futebolcia.com.br/>

<http://www.galodigital.com.br/>

<http://www.morenocris.org/>

<http://www.rsssfbrasil.com/>

<http://www.santosfc.com.br/>